



# do meu lugar, o que eu vejo

INÊS NORTON

01-12-18 — 02-03-19

—  
Quartel da Arte Contemporânea  
de Abrantes — Coleção  
Figueiredo Ribeiro

do meu lugar,  
o que eu vejo

INÊS NORTON



**Curadoria**  
Hugo Dinis

**do meu lugar,  
o que eu vejo**  
INÊS NORTON

01-12-18 — 02-03-19

—  
**Coleção Figueiredo Ribeiro**  
Quartel da Arte Contemporânea  
de Abrantes

O Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes continua a descobrir a Coleção Figueiredo Ribeiro e o propósito da sua criação.

Nesta exposição, *Do meu lugar, o que eu vejo*, a nossa Casa da Arte acolhe o trabalho e o talento de Inês Norton.

A excelente curadoria de Hugo Dinis combina perfeitamente o espírito do lugar deste QuARTel com o génio criativo de Inês Norton. Como questiona o natural e o artificial e o diálogo permanente entre a sua obra e o nosso quotidiano.

É muito entusiasmante termos e vermos esta panóplia de técnicas e de meios artísticos, desde a fotografia, a escultura, o vídeo e a instalação.

A luz no olhar de Inês Norton e a simplicidade como trabalhou e fez sobressair o espaço são o testemunho ideal da cumplicidade entre os artistas e este nosso lugar privilegiado.

Esta versatilidade do espaço e das formas dá para imaginar o futuro deste Quartel.

É muito bom interpretar a Arte com esta qualidade.

Our Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes continues its exploration of the Figueiredo Ribeiro Collection and the purpose of its creation.

With *Do meu lugar, o que eu vejo* [What I see from where I stand], our House of Art welcomes Inês Norton's work and talent.

Hugo Dinis' fine curatorial work perfectly combines the QuARTel's spirit of place with Inês Norton's creative genius, while investigating the concepts of natural and artificial and the permanent dialogue between her work and our everyday lives.

It is very exciting to have here this panoply of artistic techniques and media, ranging from photography to sculpture, video and installation.

The light in Inês Norton's gaze and the simplicity with which she explored and highlighted the space perfectly testify to the privileged relationship between artists and our premises.

This versatility of space and forms bodes well for the future of our Quartel.

It is delightful to look at Art of such high quality.

**Maria do Céu Albuquerque**

Presidente da Câmara Municipal de Abrantes  
Mayor of Abrantes





Sinto cada nova exposição no Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes — Coleção Figueiredo Ribeiro como um novo momento de afirmação do papel deste espaço e da cidade de Abrantes na divulgação da arte contemporânea portuguesa.

Nas exposições individuais é dada total liberdade aos artistas de apresentar o seu trabalho, escolhendo em conjunto com o curador(a) as obras que pretendem mostrar ao público, quer estas sejam propriedade da coleção ou não. Foi assim, uma vez mais, nesta exposição individual da Inês Norton com curadoria do Hugo Dinis, em que a maioria das peças são propriedade da artista.

Conheço e acompanho o trabalho da Inês há uns anos; sempre gostei do percurso e da evolução das suas obras e fico surpreendido pelo facto da consistência do trabalho passar de forma muito discreta para o público. É também a pensar na divulgação destes artistas que é feita a programação do Quartel.

O trabalho da Inês desenvolve-se nas áreas da fotografia, vídeo e instalação; pessoalmente, vejo-o intimamente ligado às questões da sustentabilidade e à relação do homem com a natureza. Daqui resulta um corpo de trabalho que traduz muito da sensibilidade desta artista, que produz, a meu ver, peças de qualidade e em muitos casos de grande beleza.

À exposição, artista e curador decidiram dar o nome de *Do meu lugar, o que eu vejo*, e fica bem patente a ligação da artista à natureza e ao campo onde optou por viver, preferindo-o à vida na cidade; nota-se sem dúvida esta influência no trabalho que nos apresenta.

Espero que gostem.  
Eu gostei do resultado!

Agradeço à Inês e ao Hugo a concretização de mais esta exposição no Quartel.

Agradeço também à equipa da Câmara que acompanha a produção e montagem das exposições, pois sem o seu contributo estas não aconteceriam.

Finalmente, e como sempre faço, um agradecimento ao Executivo municipal pelo empenho que continua a evidenciar na promoção da cultura e da arte contemporânea portuguesa.

Each new exhibition at Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes — Coleção Figueiredo Ribeiro strikes me as further confirmation of the role played by this institution and by the city of Abrantes in the divulgation of Portuguese contemporary art.

In our solo shows, artists are given complete liberty regarding the presentation of their work; together with the curator, they select the works they wish to present to the public, be they part of our collection or not. Once again, this is what happened in this Hugo Dinis-curated solo show of Inês Norton, in which most pieces come from the artist's own collection.

I became familiar with Inês' work over the past few years; I have always enjoyed following her career and the evolution of her pieces, and I am surprised by the fact that her consistent work has so far only achieved modest recognition from the public. Divulging such artists is also a concern of the Quartel's programming.

This artist's work develops in the areas of photography, video and installation; personally, I find in it a close connection to such issues as sustainability and man's relationship with nature. From that stems a body of work that conveys much of her sensibility. In my opinion, she is a creator of quality pieces, which often possess great beauty.

Artist and curator decided to call the exhibition *Do meu lugar, o que eu vejo* [What I see from where I stand], making quite clear the artist's connection to nature and to the country, where she decided to live, preferring it to life in the city; its influence is certainly visible in the work she displays here.

I hope you will enjoy it.  
I certainly enjoyed how it all turned out!

I thank Inês and Hugo for making another exhibition at Quartel possible.

I also thank the Abrantes Council team that supported the process of producing and setting up our exhibitions: without them, these events would not have taken place.

Finally, and as usual, I wish to thank the City Council for its continuing commitment to the divulgation of contemporary Portuguese art and culture.

**Fernando Figueiredo Ribeiro**  
Colecionador  
Colector





A artista Inês Norton (Lisboa, 1982) apresenta um conjunto de obras recentes e outras inéditas na exposição *Do meu lugar, o que eu vejo*. Através de uma panóplia de técnicas e meios artísticos, desde fotografia, escultura, vídeo ou instalação, a artista questiona pertinentemente, num tom entre o político e o poético, as controvérsias e consonâncias dos conceitos de natural e de artificial, ambos entendidos num sentido alargado. Por um lado, natural pode ser definido pela essência da natureza, ou seja, a vida das coisas e do universo. Nesta categoria encontram-se as plantas, os animais, a água, as paisagens naturais, etc. Por outro lado, o artificial pode ser visto como aquilo que foi construído pelo homem, ou seja, a sua marca e a artificialidade que adicionou ao mundo vivenciado. Neste caso, encontram-se os edifícios, os materiais sintéticos, os objectos, etc. Apesar de estes dois mundos se confrontarem em posições opostas e definitivas — o que é natural não é artificial, nem o contrário é possível —, existe um diálogo que se estabelece sempre no momento do seu encontro. Neste sentido, as obras de Inês Norton espelham a possibilidade desse choque que potencia a experiência sensorial e emocional, mas também intelectual e conceptual, perante as obras. Ao olhar para o mundo, numa estreita relação com o meio que a rodeia, a artista, perante uma experiência participativa do lugar, edifica estruturas que controlam e domesticam a natureza selvagem. Estas estruturas artificiais, provenientes de uma acção humana, aculturam as coisas naturais. A transformação da natureza em construção e a relação de ambas com este fenómeno de aculturação

em dispositivos visuais revelam uma ironia e humor que implicam com os sistemas dogmáticos pré-concebidos, nomeadamente, as ideias sobre política ecológica e os objectos que se produzem com esse efeito. Assim, as obras contêm em si mesmas um lugar privilegiado que, em conceitos visuais e linguísticos, intermedeia a visão própria, mas não inequívoca, e a realidade percebida e sentida.

Os conceitos de natural e artificial podem ser desviados, respectivamente, para os conceitos de natureza e arquitectura. A palavra natureza vem do latim *natura*, que significa nascer no futuro, ou seja, a força que gera. *Natura* é a tradução latina da palavra grega *physis*, que significa a forma inata como crescem espontaneamente as plantas e os animais. Neste sentido, pode-se considerar que quando se trata de natureza na arte, esta deve ser vista como a possibilidade de criar novas visões ou novos mundos que permitam a possibilidade de algo acontecer. Mas esta procura deve compreender que existe algo de natural, ou próprio, nos objectos, que encontra uma fenda para aparecer. Este espaço encoberto e misterioso, como se de uma floresta densa se tratasse, precisa de uma arquitectura, mesmo que simbólica, para o fazer aparecer. A palavra arquitectura vem do grego *arkhé*, que significa primeiro ou principal, e *tékhton*, que significa construção, ou seja, construção primária. Assim, a obra de arte estará disponível para surgir perante a abertura da possibilidade do encontro entre natureza e arquitectura.

Inês Norton (Lisbon, 1982) presents a number of recent works, some of them previously unseen, in her exhibition *Do meu lugar, o que eu vejo* [What I see from where I stand]. The artist employs a panoply of artistic techniques and media to pertinently address, in a tone somewhere between political and poetical, the controversies and consonances of the concepts of natural and artificial, both of them taken in their broader sense. On the one hand, “natural” can be defined as the essence of nature, in other words: the life of things and the universe at large. This category comprises plants, animals, water, natural landscapes, etc. On the other hand, the “artificial” can be seen as that which was man-made, which is to say: the mark of man, the degree of artificiality man has added to the empirical world. This other category includes buildings, synthetic materials, objects, etc. Even though these two worlds stand in inconvertible opposition to one another — what is natural is not artificial, and vice-versa —, they always engage in dialogue whenever they meet. Accordingly, Inês Norton’s works reflect the possibility of that clash, which enhances our sensory and emotional, as well as intellectual and conceptual, experience of her pieces. Looking at the world in a close relationship with her surroundings, the artist uses her hands-on experience of the place to create structures that control and tame wild nature. These artificial structures, the products of human actions, acculturate natural things. The transformation of nature into construction and the relationship of both with this process of acculturation through visual devices possess an irony and humour that

question various preconceived dogmatic systems, namely certain notions of ecological policy and the objects they bring about. Thus the works contain in themselves a privileged place that mediates between a personal, but not unequivocal, vision and perceived, felt reality.

The concepts of natural and artificial can be respectively aligned with the concepts of nature and architecture. The word “nature” comes from the Latin *natura*, meaning to be born in the future; in other words: the generating force. *Natura* is the Latin translation of the Greek word *physis*, which stands for the innate way plants and animals spontaneously grow. In this regard, it can be considered that, when dealing with the subject of nature in art, the latter must be seen as the possibility of creating new sights or new worlds, that will allow the possibility of something happening. But this search must understand that there is something natural or specific in the objects, through which that specific quality manages to shine. That concealed, mysterious space, like some sort of dense forest, needs an architecture, even if only a symbolic one, to make it emerge. The word “architecture” comes from the Greek words *arkhé*, which means first or principal, and *tékhton*, which means construction, primary construction. Thus the work of art will manifest once the possibility of a meeting between nature and architecture materialises.



A obra *Cartographic ground* (2017) reflecte a relação entre a paisagem natural e a arquitetura. Ao filtrar uma fotografia com uma malha de construção, a artista implica as duas entidades como intermediárias uma da outra, talvez como se uma entidade existisse para fazer existir a outra e vice-versa. Esta relação também está presente na obra *Nous sommes tous sauvages* (2017). A terra natural encontra-se acondicionada numa espécie de aquário de ferro com uma paisagem impressa. Esta estrutura modular, através da geometrização do natural, implica uma construção cultural que tenta dominar a natureza selvagem e incontrollável. Na peça *Land marks* (2017), as pesadas molduras de ferro enquadram essa natureza selvática. As fotografias apresentam uma paisagem habitual da realidade que a artista frequenta. Como de um ponto de observação se tratasse, a obra estende-se pela parede e pelo chão da galeria. Desse modo, as fotografias interagem com o espaço do espectador, permitindo explorar aquilo que se vê, entendido como um lugar onde a artista medita, pensa, questiona e explora o mundo exterior e interior. As peças *Uninhabit I* (2018) e *Uninhabit II* (2018) são de um âmbito formal que incide sobre como o controle arquitetónico interfere com o caos da natureza. Estas formas não orgânicas em madeira e vidro aramado propõem uma linguagem artificial, como se de letras de um alfabeto se tratassem. A obra *Simbiose II* (2018) aprisiona uma camada de musgo entre dois blocos de cimento. A domesticação de uma pedra acorrentada exponencia este efeito de controlar o que não pode ser controlável, a natureza. O conceito de simbiose é visto como uma associação benéfica

ou não para os indivíduos envolvidos numa relação a longo prazo. Como não se estabelece nem se determina o benefício ou o malefício entre ambos os organismos implicados, pode-se reflectir sobre as condições internas e pessoais de cada parte conjuntamente. Neste sentido, a peça *Simbiose I* (2018), quando colocada a um canto do espaço expositivo, reflecte sobre as condições arquitectónicas em que as obras de arte se expõem. A estrutura recta de ferro pintada de branco desemboca num tronco de madeira velho e seco. Este ciborgue, algo entre o *robot* e o humano, ou seja, entre a arquitetura e a natureza, implica sempre uma transformação própria no contacto entre os dois, em conjunto e não separadamente.

Ao entender-se o humor e a ironia como algo que se estabelece no intervalo entre o político e o poético, pode-se fruir as obras presentes em exposição com graus diferentes de olhares honestos e cínicos. Se, por um lado, podemos vislumbrar a verdade do que é natural ou artificial como uma relação proposta pelos materiais da obra em si, por outro lado também se pode ver cinicamente a mentira que esse olhar impõe ao que é visível. Mesmo que o mundo seja dividido numa lógica binária e de um diálogo bilateral entre dois pólos distintos, esta visão dialéctica não pode ser única nem exclusiva. Será necessário reflectir sobre as multiplicidades que residem entre os dois pólos. E é no doseamento destas duas premissas que o humor e a ironia surgem como uma lufada de um ar rarefeito de âmbivalências e dúvidas em que as obras de Inês Norton tão subtilmente caminham.

*Cartographic ground* (2017) is a piece that reflects the relationship between natural landscape and architecture. By placing a photograph behind a piece of steel mesh, the artist suggests that the two entities may act as mediators of one another, as if, perhaps, one entity existed to make the other's existence possible and vice-versa. This relationship is also present in *Nous sommes tous sauvages* (2017), where natural soil is contained in a sort of iron aquarium with a landscape printed on it. By means of a geometrisation of the natural realm, this modular construction implies a cultural construction that attempts to dominate wild, uncontrollable nature. In *Land marks* (2017), these heavy iron structures frame that savage nature. The photographs depict a landscape that is part of the artist's reality. Like some kind of vantage point, the piece spreads across the gallery wall and floor. Consequently, the photographs interact with the viewers' space, allowing them to explore what they see: a place where the artist meditates, thinks, questions and explores the outer and inner world. *Uninhabit I* (2018) and *Uninhabit II* (2018) have a formal quality that focuses on how architectural control interferes with the chaos of nature. These wood and wire glass non-organic forms offer us an artificial language, like they were letters in an alphabet. *Simbiose II* (2018) imprisons a moss layer between two concrete blocks. The domestication of a chained stone exponentiates this effect of controlling something that is uncontrollable, nature. The concept of symbiosis is seen here as an association which may or may not be beneficial in the long run to the individuals concerned. Since the degree of benefit

or damage between both organisms is neither detected nor measured, it is possible to reflect jointly on the internal and individual conditions of each part. Therefore, when *Simbiose I* (2018) is placed on a corner of the exhibition space, it reflects on the architectural conditions under which works of art are displayed. The rectilinear, white-painted iron structure leads into an old, dry log of wood. This cyborg, something between a robot and a human being, or in other words: between architecture and nature, always implies a personal transformation in the contact between the two, together, not separately.

If we take humour and irony to be something that defines itself in the interval between the political and the poetic, we become able to enjoy the exhibited works with varying degrees of honesty and cynicism. While, on the one hand, we may glimpse the truth of what is natural or artificial as a relationship that develops through the various materials of the work, on the other we can also look cynically at the lie that same gaze imposes on what is visible. Even if the world itself is divided into the binary logic of a bilateral dialogue between two opposite poles, this dialectic vision must never be unique or exclusive. The multiplicities that exist between the two poles must be taken into consideration. And it is in the balancing of these two premises that humour and irony come like a breath of the thin air, filled with promiscuity and doubt, that the works of Inês Norton subtly explore.

É a partir deste ponto de vista irónico que se pode vislumbrar grande parte das obras apresentadas na exposição. Em *Displaced forest* (2017), plantas artificiais estão acondicionadas num rolo de plástico como se de uma floresta fora do lugar se tratasse. A estrutura de ferro lacada a branco parece tornar-se numa espécie de estendal que permite a sustentação dessa floresta. Esta mesma estrutura aparece na obra *Synthetic playground* (2018), que suporta um rolo de relva artificial que se estende pelo chão da galeria. Esta peça evoca a perda de contacto com o meio natural, em que o meio envolvente é cada vez mais artificial e menos natural. A peça *Camouflage* (2018) também se pode inserir nesta ideia de substituição irónica do natural por artificial. Diversos aparelhos electrónicos pretos surgem submersos em terra escura, como se o lixo electrónico se pudesse camuflar e desaparecer terra adentro sem nenhum impacto ambiental. Esta ideia de camuflagem ou desaparecimento deve a sua ironia ao relacionar-se com o impacto benéfico que a matéria natural tem quando retorna à terra. O modo como se tende a controlar e a dominar a natureza está patente nas obras *Eco vs Ego* (2018) e *Paisagem sustentável* (2018). Se na primeira quatro pedras com musgo estão presas com cavilhas de metal sobre uma estrutura de metal, na segunda peça uma lona de plástico com uma paisagem impressa está sustentada por um grampo de metal. Esta sustentabilidade parece só ser possível se de uma paisagem artificial se tratar.

Nas peças seguintes a ironia é extremada em materiais *pop* que revelam um humor crítico e directo, que de algum modo pode ser considerado político ou reivindicativo. *All natural* (2018) apresenta uma série de embalagens de plástico pintadas de branco que se encontram por baixo de um néon que publicita “Tudo natural”. Ao entender o conceito de *greenwashing* como uma acção usada comercialmente para maquilhar produtos e vendê-los como ecológicos, sustentáveis, etc, esta peça revela um sentido acutilante de humor ao apagar as marcas das embalagens, uniformizando-as e dando-lhes uma coloração verde com a luz verde reflexa do néon. A ideia do natural é assim desmascarada nas suas fragilidades e incongruências. A peça *Behind the post-card* (2018) é composta por uma estrutura em ferro com dispensadores de silicone suspensos, que remetem ironicamente para os mamilos de uma vaca que dispensa o leite. Esta linha de montagem questiona os processos ocultos da desumana indústria alimentar. Para além do bonito cartão postal em que as campanhas da indústria alimentar se constroem e da imagem idílica que temos no nosso imaginário da *vaquinha* da marca de chocolates Milka, existe uma realidade escondida e nociva. A obra *Escapismo insonorizado* (2018) utiliza materiais de consumo para idealizar um espaço de escape da sociedade que nos envolve. É necessário experimentar fisicamente esta peça, subindo um pequeno escadote para visualizar a imagem estática de uma floresta que aparece num aparelho tecnológico envolto em placas de insonorização. Nas sociedades contemporâneas parece existir a necessidade de criar ambientes

It is from this ironic standpoint that we can look at most of the pieces featured in the exhibition. In *Displaced forest* (2017), artificial plants are contained inside a plastic sheet. The white-painted iron structure seems to become a sort of rack that holds up this forest. This structure also appears in *Synthetic playground* (2018), holding up a roll of artificial grass that stretches across the gallery floor. This piece conveys our loss of contact with the natural world, as our surroundings become increasingly more artificial. *Camouflage* (2018) can also be seen as a part of this concept of ironic replacement of the natural with the artificial. A number of black electronic devices are buried in dark soil, as if electronic waste could visually and literally disappear into the earth with no environmental impact. This concept of concealment or disappearance gains ironic value when it is compared to the beneficial effect of natural matter when it returns to the earth. Our customary way of controlling and dominating nature is present in *Eco vs Ego* and *Paisagem sustentável* (both 2018). In the first work, four mossy stones are secured with metal strips to a metal structure; in the second, a plastic sheet on which a landscape is printed is held up by a metal clamp. Apparently, sustainability is only possible in the case of an artificial landscape.

In the pieces that follow, irony is taken to an extreme, via pop materials that highlight a critical, direct humour, which may in some way be seen as political or vindicatory. *All natural* (2018) features a series of plastic containers painted white, beneath a neon sign spelling the piece's title. Taking the 'greenwashing' concept as something that is commercially used to disguise products, selling them as ecological, sustainable, etc., this piece reveals an incisive sense of humour in its erasing of brand names from the containers, standardising them and giving them a green hue through the neon lighting. In this manner are exposed the fragilities and incongruities of the concept of "natural". *Behind the post-card* (2018) consists of an iron structure from which hang silicon guns that ironically evoke the milk-producing teats of a cow. This assembly line-like piece puts into question the hidden workings of the inhumane food industry. Behind the pretty postcard pictures on which the food industry's campaigns base themselves, behind the idyllic image of the Milka *moo-cow*, a concealed, noxious reality exists. *Escapismo insonorizado* (2018) uses mass consumption materials to create a space into which we can retreat from the society that surrounds us. This piece demands to be physically experienced; we must climb up a stepladder in order to view the static image of a forest that appears in a technological device enveloped by soundproof plates. In contemporary societies, it seems, there is a need to create artificial environments that imitate nature and can be used as escapist spaces; in this piece, however, the artist, while evoking that concept, also suggests how distant such creations are from real nature and its depictions.

artificiais que simulam a natureza para que sirvam de escapes, mas nesta peça a artista, ao evocar esta ideia, simula a distância a que estes escapes se encontram da verdadeira natureza e como esta é representada.

Outras obras apresentadas na exposição estão envoltas numa atmosfera dúbida que tende a reflectir sobre a necessidade de evasão a que podemos estar sujeitos. Contudo, as peças não tratam de expor ironicamente ou cinicamente estas necessidades ou acção, mas sim de revelar aspectos que podem ser poéticos ou políticos. A reunião destes dois conceitos, em que poético pode ser visto como uma forma não directa de fazer ver as coisas, e o político não deve ser visto como algo que provém de um discurso propagandístico, denota uma acção que intervém na vida quotidiana daqueles que se deixam deslumbrar por pequenos gestos. A instalação-vídeo *A árvore quando morre, devolve à terra o que esta lhe emprestou* (2017) abre a exposição com um pequeno espaço escurecido, como se entrássemos numa caverna ou na escuridão de uma floresta para termos acesso a uma clareira. Um pequeno galho frágil encontra-se suspenso na sala onde se projecta um vídeo com terra a cair e a enterrar o galho. Ao entender-se a frase de Lavoisier “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” encontramos a sustentabilidade natural do mundo em que vivemos. Se a ideia de economia circular e de ciclos harmoniosos existe na natureza, então talvez estes ciclos possam ser replicados, reproduzidos na vida social que edificamos na contemporaneidade. A obra *Into the land* (2018) é uma das poucas imagens em que a presença

humana, neste caso, do corpo de uma mulher, se faz sentir. A imersão deste corpo feminino no espaço de uma floresta inebriante revela um desejo de vivência conjunta entre duas entidades diferentes, humana e natureza. A relação que se estabelece entre ambas as entidades pode tornar-se assim numa perfeita coligação de vivência mútua. Ao reflectir sobre o espaço onde nos situamos, ou seja, o Homem na Natureza, pode-se encontrar um lugar privilegiado de convivência conjunta. Duas obras, *The View I* (2018) e *The View II* (2018), replicam um lugar especial como uma paisagem idílica em que se estabelecem relações entre o ponto de vista de quem vê e o lugar que se vê.

A exposição *Do meu lugar, o que eu vejo* revela um desejo de reflectir sobre o espaço físico, exterior e social, seja natureza ou arquitectura, mas também um espaço espiritual, interior e pessoal, seja privado ou público. Este lugar, num amplo sentido, é um espaço que permite uma reflexão sobre o mundo que vemos e que nos rodeia, mas também sobre nós próprios. Ao pensar neste lugar como algo que não nos pertence, mas que simultaneamente se estabelece em nós e no nosso confronto com o que nos é exterior, pode-se estabelecer um mundo mutante e instável que se modifica e se relaciona com a experiência vivida e sentida por cada um.

O autor escreve segundo a antiga ortografia.

Other works featured in the exhibition are wrapped in a dubious atmosphere that tends to reflect on our eventual need for evasion. However, the pieces are not concerned with ironically or cynically exposing such urges or actions; instead, they focus on revealing poetic or political aspects. The combination of these two concepts, in which “poetic” can be seen as an indirect way of bringing things to our attention, while the political should not be seen as the product of some propagandistic discourse, is indicative of an action that influences the everyday lives of those who let themselves be dazzled by small gestures. The video installation *A árvore quando morre, devolve à terra o que esta lhe emprestou* (2017) opens the exhibition in a small darkened space, as if we were entering a cave of the darkness of a forest in order to gain access to a clearing. A small, fragile tree branch hangs in the room, in which we see a video depicting soil falling down and burying the branch. In Lavoisier’s famous quote “in nature nothing is created, nothing is lost, everything changes” we find the natural sustainability of the world in which we live. If the concepts of circular economy and harmonious cycles exist in nature, then perhaps these cycles may be replicated, reproduced in our contemporary social life. *Into the land*

(2018) is one of the few images in which the human presence, in this case the body of a woman, is felt. The immersion of this female body into the inebriating environment of a forest conveys a yearning for harmony between two distinct entities: humans and nature. The relationship that develops between both entities may eventually become a perfect mutual living alliance. While pondering the space in which we stand, which is to say, the position of Man in Nature, a privileged place of joint living may be found. Two pieces, *The View I* (2018) and *The View II* (2018), replicate a special place as an idyllic landscape in which connections are established between the point of view of the viewer and the place that is seen.

*Do meu lugar, o que eu vejo* highlights a longing to reflect on the physical space, exterior and social, private or public. This place, in a broad sense, is a space that allows us to ponder not only the world that we see and that surrounds us, but also ourselves. By thinking this place as something that does not belong to us, but nonetheless is defined in us and in how we engage with what is exterior to us, it is possible to establish a mutant, changeable world that changes as it interacts with each person’s lived and felt experience.

**Hugo dinis**  
Curador  
Curator



... as obras contêm em si mesmas um lugar privilegiado que, em conceitos visuais e linguísticos, intermedeia a visão própria, mas não inequívoca, e a realidade percebida e sentida.



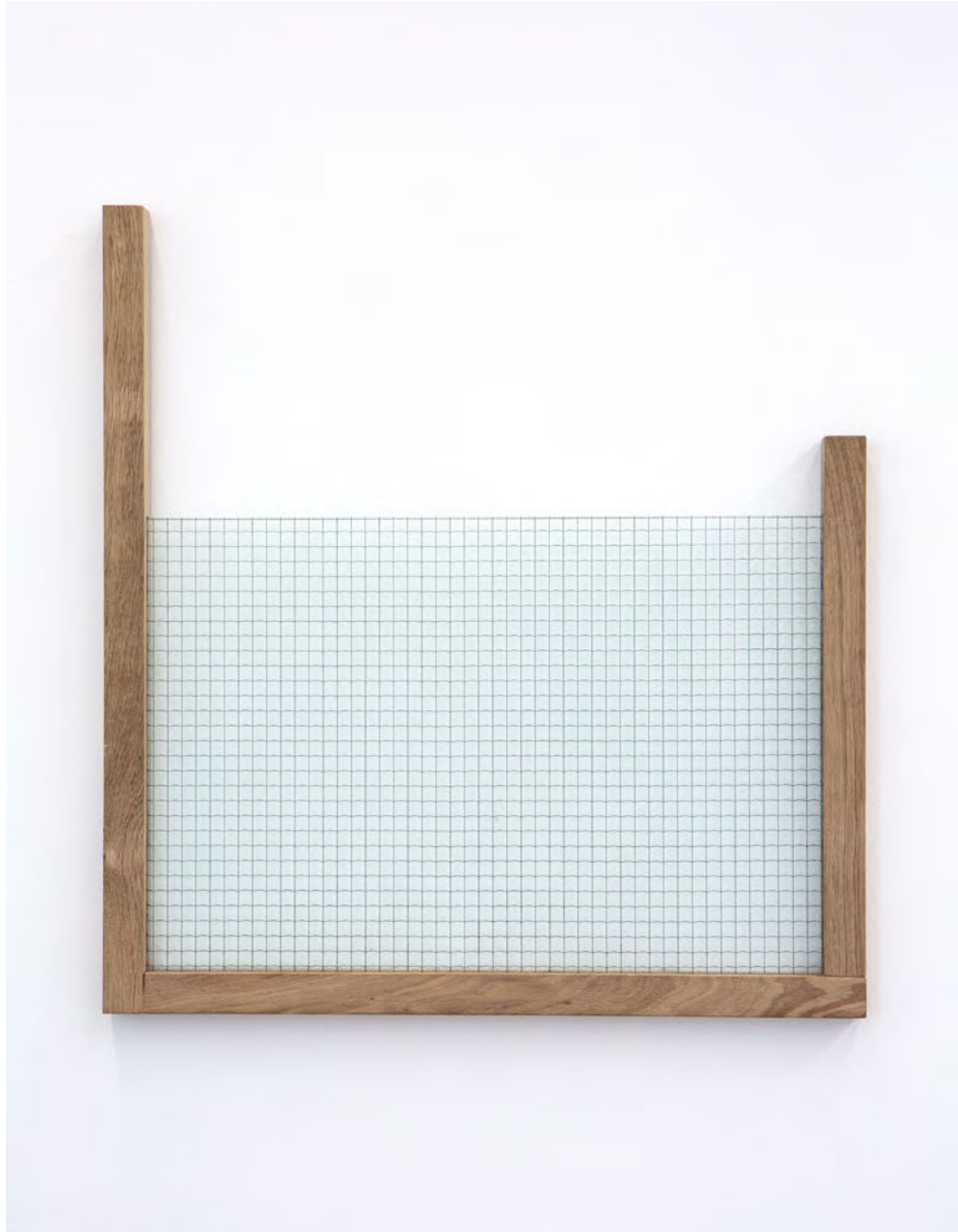
**Cartographic ground**  
Vidro, vinil, malhasol, moldura de madeira  
Glass, vinyl, steel mesh, wood frame  
50x60 cm | 2017





**Nous sommes tous sauvages**  
Ferro, vidro, vinil, terra  
Iron, glass, vinyl, soil  
102×62×62 cm, 62×62×62 cm | 2017





**Uninhabit I**  
Vidro aramado, madeira  
Wire glass, wood  
67×70×50 cm | 2018



**Uninhabit II**  
Vidro aramado, madeira  
Wire glass, wood  
73,5×57×43,5 cm | 2018





**Simbiose I**  
Ferro pintado, tronco  
Painted iron, log  
75x40 cm | 2018



**Simbiose II**  
Ferro, cimento, musgo, liga metálica, corrente, pedra  
Iron, concrete, moss, alloy, chain, stone  
55x20,5 cm | 2018

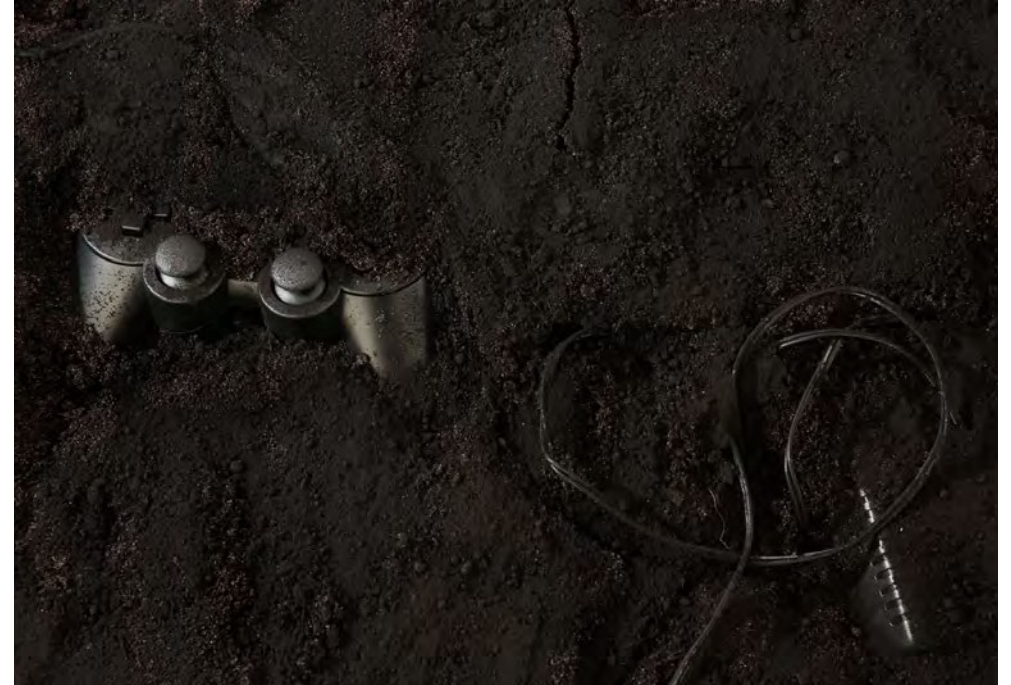


**Displaced forest**  
Plástico, ferro, plantas artificiais  
Plastic, iron, artificial vegetation  
120x80 cm | 2017



**Synthetic playground**  
Rolo de relva artificial  
Artificial grass roll  
500x100 cm | 2018





**Camouflage**  
Aparelhos eletrônicos, terra  
Electronic devices, soil  
80×80×12 cm | 2018

**Paisagem sustentável**  
Lona plástica, grampo pintado  
Plastic canvas, painted clamp  
dimensão variável | variable dimension | 2018



**Eco vs ego**  
Madeira, espelho, planta artificial  
Wood, mirror, artificial plant  
90x15x15 cm | 2018







**All natural**  
Embalagens de plástico, letras de néon  
Plastic containers, neon lettering  
Dimensão variável | 2018

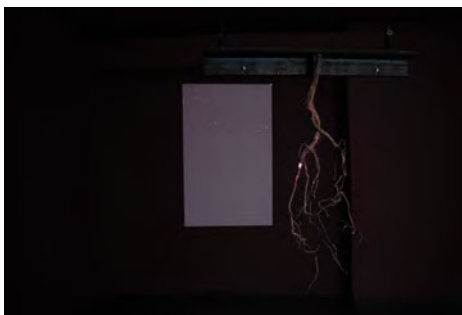
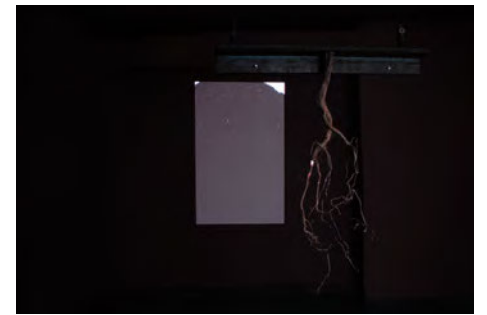
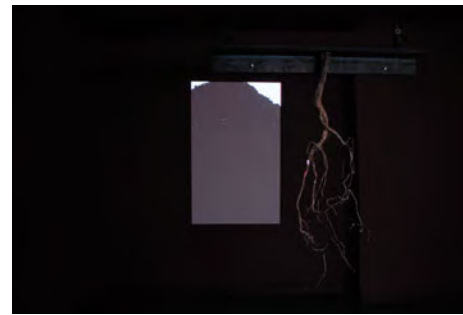
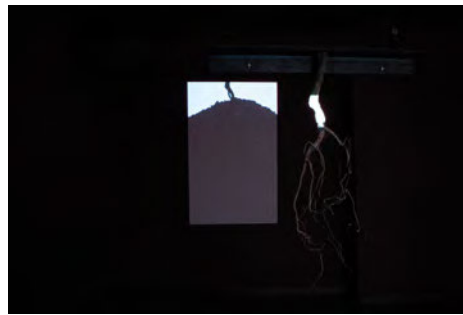
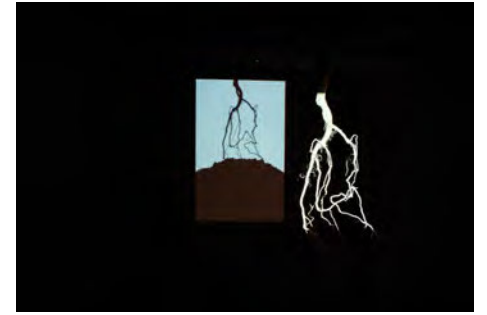
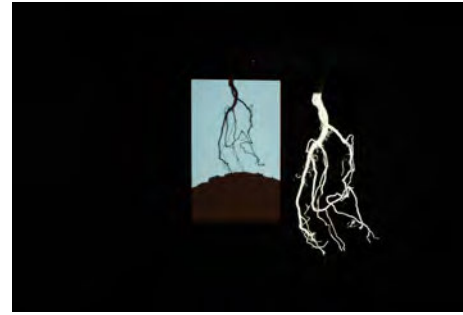
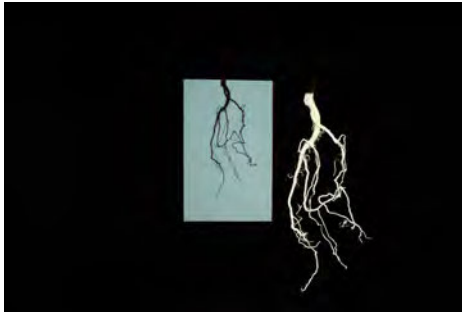




**Behind the post-card**  
Estrutura em ferro, embalagens, dispensadores de silicone  
Iron frame, containers, silicone guns  
170x120x100 cm | 2018



**Escapismo insonorizado**  
Estrutura em tecido, balsa, placas de insonorização, escadote, iPad  
Fabric structure, balsa wood, sound-absorbing panels, stepladder, iPad  
135×60 cm | 2018

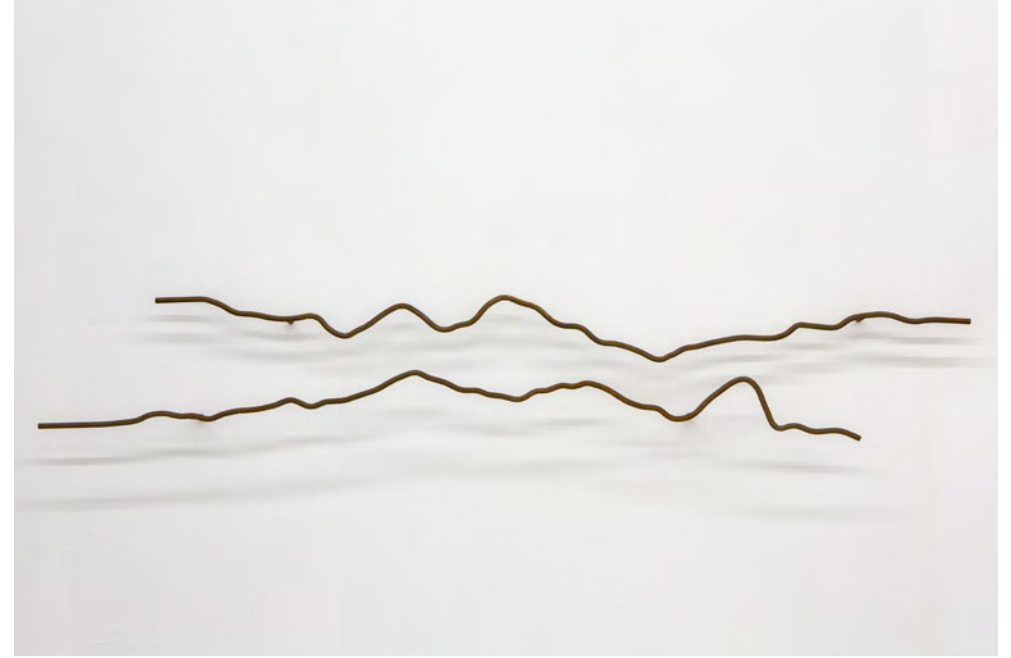


A árvore quando  
morre, devolve  
à terra o que  
esta lhe emprestou  
Video-instalação  
Video-installation  
2017





**Into the land**  
Fotografia, vidro, madeira  
Photograph, glass, wood  
90x55 cm | 2018

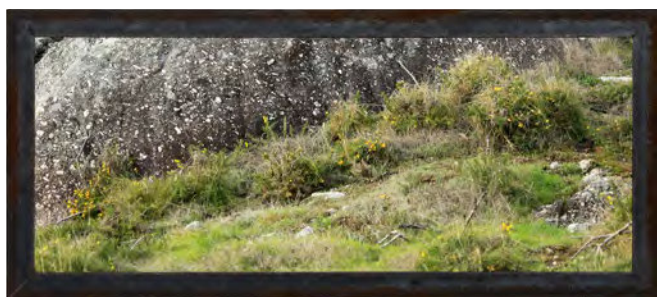
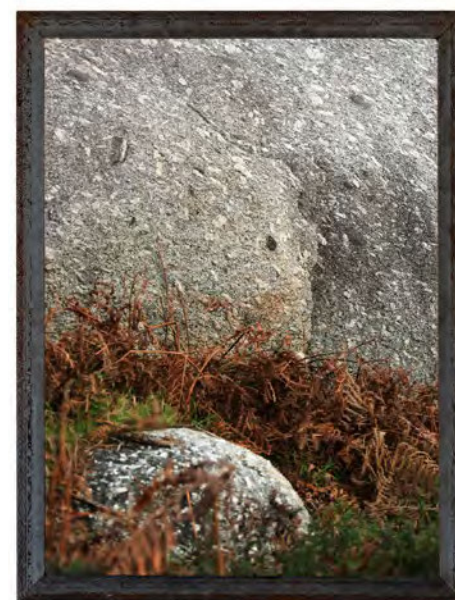


**The view**  
Ferro tubular  
Tubular iron  
125 cm | 2018



**Land marks**  
Ferro, vidro, vinil  
Iron, glass, vinyl  
Dimensão variável | 2017





**Land marks**  
Ferro, vidro, vinil  
Iron, glass, vinyl  
Dimensão variável | 2017





**Land marks**  
Ferro, vidro, vinil  
Iron, glass, vinyl  
Dimensão variável | 2017





**Land marks**  
Ferro, vidro, vinil  
Iron, glass, vinyl  
Dimensão variável | 2017





**Ficha técnica | Credits**  
Catálogo | Catalog

**Edição | Published by**  
Câmara Municipal de Abrantes  
Abrantes City Council

**Textos | Texts**  
Maria do Céu Albuquerque  
Fernando Figueiredo Ribeiro  
Hugo Dinis

**Fotografia | Photography**  
António Cunha

**Design**  
Câmara Municipal de Abrantes  
Abrantes City Council  
Edgar Rei

**Tradução e revisão | Translation  
and proofreading**  
José Gabriel Flores

**Impressão | Printing**  
A designar pós pedido de orçamento

**Tiragem | Print run**  
300 exemplares  
300 copies

**ISBN**  
978-972-9133-63-3

**Depósito legal | Legal Deposit**  
453304/19

02.2019

**Ficha técnica | Credits**  
Exposição | Exhibition

**Curadoria | Curatorship**  
Hugo Dinis

**Produção | Production**  
Câmara Municipal de Abrantes  
Abrantes City Council

**Montagem e iluminação | Set up  
and lightning**  
Câmara Municipal de Abrantes  
Abrantes City Council

**Comunicação | Comunication**  
Câmara Municipal de Abrantes  
Abrantes City Council

12.2018 — 03.2019

